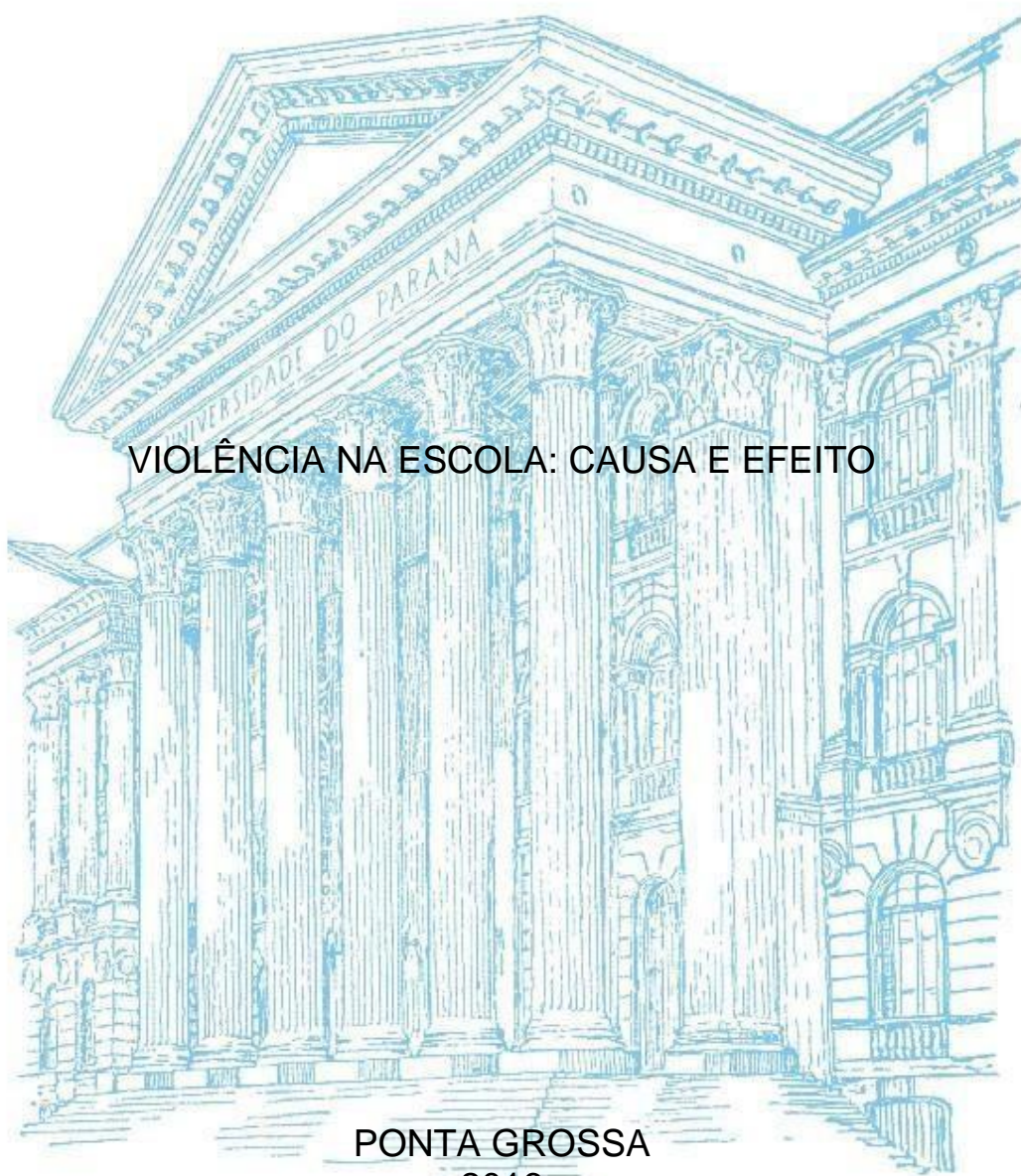


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR DE
EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

MARGARETE CRISTINA LÉCHIW



VIOLÊNCIA NA ESCOLA: CAUSA E EFEITO

PONTA GROSSA
2016

MARGARETE CRISTINA LÉCHIW



VIOLÊNCIA NA ESCOLA: CAUSA E EFEITO

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Pedagógica, Setor de Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Michelle Souza Julio Knaut

CURITIBA
2016

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: CAUSA E EFEITO

LÉCHIW¹, Margarete Cristina,

RESUMO

O principal objetivo da pesquisa foi identificar como alunos e professores enfrentam as dificuldades causadas pela violência no ambiente da sala de aula, bem como a opinião de cada um sobre como abordar o tema dentro da escola. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e de campo com abordagem qualitativa. Foi elaborado um questionário contendo três questões iguais que se distribuiu para doze professores e quinze alunos do Ensino Médio, de um colégio estadual de Ponta Grossa-PR, abordando o tema violência na escola. Observou-se no cotidiano da escola situações envolvendo alunos em atos de violência, principalmente verbal, dirigidos tanto a colegas quanto a professores, que claramente acabam trazendo prejuízos à aprendizagem, e provocam paralisações das aulas, desconcentração dos demais alunos, deixam o ambiente tumultuado e causam estresse em todos os envolvidos. Assim, acreditou-se que uma pesquisa tratando do tema, com a participação de professores e alunos poderia contribuir com ideias para futuras ações a serem trabalhadas para a solução ou amenização desses acontecimentos. Após a análise e interpretação das respostas a conclusão a que se chegou foi que os participantes compreendem a violência como um grande entrave para a realização de um ensino e aprendizagem de qualidade, as atitudes violentas atrapalham tanto os professores quanto a concentração dos demais alunos presentes em sala de aula. Além disso, a pesquisa foi muito proveitosa porque os dois grupos deram inúmeras sugestões de como se abordar o tema, que certamente serão úteis na elaboração de projetos a serem trabalhados pela escola. Autores como Pacheco e Cunha (2008), Njaine e Minayo (2003), Vale e Salles (2008), Witter (2010) entre outros contribuíram para o embasamento teórico da pesquisa.

Palavras-chave: Violência. Aprendizagem. Projetos.

1 INTRODUÇÃO

A violência tem sido tema de muitas discussões entre os vários segmentos da sociedade, por se tratar de um problema social em que as autoridades já não conseguem soluções imediatas. Vê-se a possibilidade da união de forças para que se possa vislumbrar algumas alternativas que respondam às necessidades existentes, no que diz respeito à diminuição dos índices de violência apontados pelos meios de comunicação e por estudiosos do assunto.

Como comprovam as manchetes diárias nos diversos meios de comunicação, a violência se faz presente nos mais diferentes segmentos da sociedade, incluindo-se aí a escola, seja entre alunos ou entre alunos e professores.

A violência nas escolas traz sérias consequências além dos ferimentos físicos a que ficam expostos, fáceis de serem visualizados. Ela também traz o medo, a angústia e a insegurança e, conseqüentemente, a evasão, a migração para outros locais e a repetência, que vem nos rastros da indisciplina e do número elevado de faltas.

Segundo Njaine e Minayo (2003, p. 124) “Estudos vem mostrando que as raízes da violência na escola encontram-se na violência no bairro, na família e em condições estruturais como a pobreza e privação”.

Parafraseando Cardia (1997) os mesmos autores colocam ainda que a violência “vívda e testemunhada fora da escola tem impacto direto e indireto sobre a vida escolar, afeta o desempenho dos estudantes, as relações entre os alunos e dos alunos com os professores e contribui para ampliar a violência social” (NJAINÉ e MINAYO, 2003, p. 124).

Afirmam também, que grande número de escolas convive com a violência diariamente, principalmente aquelas que se localizam próximas a local de tráfico de drogas. Colocam também que a violência tem aumentado nos grupos formados por meninas, visto que até recentemente os meninos eram considerados mais propensos a atos de violência (NJAINÉ e MINAYO, 2003).

Entretanto, a violência não precisa ser propriamente física, ela pode se apresentar de inúmeras formas, pois conforme Witter (2010, p. 1) há vários tipos de

agressão “de incivilidade e de desrespeito, mas resulta de conceitos, preconceitos, práticas cotidianas, representações sociais inadequadas, problemas psicológicos e mesmo da própria ignorância”.

Quando essas formas de violência começam a se manifestar na escola, todos precisam estar atentos. Se equipe pedagógica e professores estiverem preparados, certas dificuldades podem ser enfrentadas em seu início, buscando a família como apoio, para juntos, tentarem solucionar os problemas logo que surgem, como por exemplo, os que envolvem preconceito, agressões verbais.

Também é fundamental que a equipe da escola conheça seus alunos, pois segundo Witter (2010, p. 1):

Quando há violência, dois personagens são caracterizáveis: o agressor e o agredido (ou vítima). O primeiro é a fonte ou a origem da ação que atinge o segundo, mas por vezes estes trocam de posição. Em algumas ocasiões a troca de violência é de tal ordem que fica difícil identificar quem está sendo emissor ou receptor da ação agressiva.

Por esse motivo, é preciso atenção para as pessoas não partir para batalhas a favor deste ou daquele aluno. Diante deste problema, o bom professor é aquele que procura ouvir e entender o jovem sem tomar partido, buscando ser justo, visando sempre restabelecer relacionamentos e um convívio harmonioso. Algumas vezes, quando o aluno não se adapta ao meio escolar, faz uso da violência para se “impor” diante do grupo e dos professores. Ou ele acaba se evadindo, pedindo transferência para outra escola ou provocando a evasão de outros alunos que não aceitam conviver com ele, ou ainda pode ocorrer a esse aluno ficar retido por vários anos na mesma série.

Pensando em contribuir com ideias e ações que ao menos amenizem situações de violência que possam surgir no ambiente escolar é que se justifica o presente estudo, estabelecendo como objetivo geral: identificar como alunos e professores enfrentam as dificuldades causadas pela violência no ambiente da sala de aula, bem como a opinião de cada um de como se abordar o tema dentro da escola. E como objetivos específicos: pesquisar autores que abordam a violência na escola, visando maior embasamento teórico; destacar as possíveis sugestões de professores com relação à violência nas escolas; verificar e analisar nas respostas dos alunos como o tema é compreendido por eles, além de verificar como acreditam ser possível amenizar a situação existente.

Para a realização do trabalho, optou-se pela pesquisa bibliográfica, que segundo Severino (2000, p. 77) são “trabalhos no âmbito da reflexão teórica, em que os documentos são basicamente textos: livros e artigos”, os quais são utilizados neste trabalho. A pesquisa faz uma abordagem qualitativa.

Após o levantamento bibliográfico, decidiu-se utilizar o questionário para a pesquisa de campo, que conforme Fonseca (2012, p. 27) fornece “informação necessária para o desenvolvimento do estudo”.

Foi organizado um questionário contendo três questões iguais para professores e alunos do Ensino Médio, com a participação de doze professores e quinze alunos em um colégio estadual no município de Ponta Grossa – PR.

Os resultados obtidos com a pesquisa foram bastante satisfatórios, pois se verificou que os dois grupos participantes compreendem a seriedade com que a violência deve ser enfrentada na escola quando se objetiva uma aprendizagem mais eficiente, além de constar nas respostas dos participantes inúmeras sugestões de ações que podem ser aproveitadas na elaboração de projetos visando solucionar muitas das dificuldades que se apresentam no cotidiano escolar.

2 CONCEITO DE VIOLÊNCIA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Há muito tempo percebe-se que o problema da violência nas instituições da rede estadual de ensino vem se agravando, aumentando radicalmente o índice de evasão e repetência dos alunos na rede pública de ensino.

O significado de violência segundo o dicionário de língua portuguesa é “qualidade de violento; abuso da força; ação violenta; ação de violentar”, enquanto que violento significa “que atua com força; impetuoso; irascível; intenso; veemente; que sai dos justos limites” (SOARES AMORA, 2008, P. 770).

Entretanto, uma definição mais detalhada é fornecida por Pacheco e Cunha (2008) quando informam que a palavra violência tem sua origem no latim *violentia* e que para Albornoz (2000) *apud* Pacheco e Cunha (2008, p. 3):

Está em proximidade como violação, dilaceração, despedaçamento, agressão, desordem, além de aludir a quebra, ruptura de um tabu, ultrapassagem de um limite, transgressão de uma proibição, indo até a ideia de abuso de um corpo, falta de respeito, etc.

Analisando o significado de violência tem-se a impressão que ela refere-se apenas a agressão física, mas como dito anteriormente ela pode se manifestar de várias formas, pois pode também ser entendida como um “constrangimento moral, a uma coação” (PACHECO e CUNHA, 2008, p. 3).

A agressão física fica mais visível, enquanto que outras formas de violência podem passar despercebidas e camufladas no cotidiano, podendo deixar marcas profundas no ser humano.

Conforme Vale e Salles (2008) a sociologia francesa através de Charlot (2002) distingue a violência nas escolas de três formas:

A violência na escola, que é produzida dentro do espaço escolar, mas que poderia acontecer em qualquer outro espaço social; a violência à escola que se relaciona as atividades referentes à instituição (incêndios, agressões aos professores, etc.); e a violência da escola que se constitui uma violência institucional, simbólica, que os próprios alunos suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (VALE e SALLES, 2008, p. 159).

Assim, compreende-se que em algumas situações a própria escola através de sua equipe pode refletir e planejar ações preventivas buscando solucionar as dificuldades surgidas no cotidiano escolar, porém, em outras situações que envolvam indivíduos não pertencentes ao ambiente escolar e que tragam perigo a este ambiente, a escola através de seus dirigentes deve buscar auxílio junto às autoridades competentes. Entretanto, a escola se depara muitas vezes com situações de perigo envolvendo seus próprios alunos, provocando inseguranças sobre como tratar dos problemas que surgem, procurando na grande maioria dos casos o auxílio da família (VALE e SALLES, 2008).

Gonçalves e Sposito (2002) descrevem os anos 90 como um momento de mudanças no padrão da violência nas escolas públicas, englobando não só atos de vandalismo, mas também práticas de agressões interpessoais, sobretudo entre o público estudantil. São mais frequentes as agressões verbais e as ameaças. O jovem com sua característica imediatista não tem paciência de dialogar sobre questões que contrariem a sua maneira de pensar, fazendo assim uso da violência para resolver a questão (GONÇALVES e SPOSITO, 2002).

Atualmente, os casos de crimes ocorridos nas escolas e no trajeto para esta vêm se agravando e muitos são os motivos que impulsionam estes acontecimentos, desde as drogas que contribuem significativamente para que isto ocorra, até os

descontentamentos por parte dos alunos, com o sistema regimental das instituições de ensino.

Nesse sentido Rosa (2010 p.147) diz que o indivíduo que não assimilou regras básicas de convivência social, acha que tudo é permitido. Assim, alunos indisciplinados e mal educados atormentam professores, e estes não apresentam condições para "controlar a bagunça que se alastra na sala de aula".

2.1 Principais Causas que Desencadeiam a Violência

É muito difícil especificar as causas que desencadeiam a violência, principalmente no ambiente escolar, visto que pode ter inúmeros fatores influenciando as atitudes desses alunos considerados propensos a atitudes violentas. É importante se considerar o que diz Witter (2010, p. 2):

No meio educacional é possível detectar vários agressores. Alguns lá estão desde a origem da vida acadêmica, outros são mais recentes, uns agem com violência diariamente, outros apenas ocasionalmente. A escola e seus integrantes são, hoje, também vítimas de agressores externos, dos poderes constituídos, da família e da comunidade em que ela se insere.

A autora coloca algumas situações que ocorrem, para ela considerada também como violência, que podem em caráter cumulativo e despertar situações agressivas. Cita exemplo de violência social, como os prédios de algumas escolas sem estruturas adequadas aos alunos e professores, móveis inadequados como carteiras apenas para destros ou adultos e adolescentes obrigados a utilizar carteiras destinadas às crianças, quadros de giz gastos, material didático inadequado, com livros que estimulam discriminações, mesmo que veladamente, e a falta de respeito a muitos professores que não têm nem a chance de opinar na escolha de materiais e livros que vai utilizar. Portanto, para a autora essas são formas de violência que também agridem tanto alunos quanto professores (WITTER, 2010).

Witter (2010) coloca ainda que muitas vezes o professor não sofre apenas com a violência de alunos, mas que ela pode vir da parte dos dirigentes e da equipe pedagógica da escola:

Quando esses agentes negam apoio, ajuda técnica, condições para melhoria de seu desempenho, a possibilidade de dar continuidade a seus estudos, cuidar de sua educação continuada, ou mesmo cobrando desempenho para

o qual não foi formado ou para o qual não encontra condições favoráveis na escola.

Entretanto, a mesma autora coloca que o professor está perdendo sua autoridade em sala de aula, está sofrendo com o crescimento da violência a ele dirigida, ao mesmo tempo em que vê sua profissão cada dia mais desvalorizada e pouco atraente para as novas gerações. Além disso, há casos de professores que podem ser classificados, conforme ainda Witter (2010, p. 3), como agentes de violência dentro do ambiente escolar.

O professor pode ser um dos principais agentes de violência na escola. A falta de competência para administrar a sala de aula, controlar com estratégias didáticas o comportamento e a produtividade dos alunos pode levá-lo a gritar, esbravejar, até mesmo a agredir verbal ou, ocasionalmente, fisicamente um aluno, sua família e seus valores. Porém, há outras agressões que ocorrem, muitas vezes, de forma repetitiva, por exemplo, dizendo-se que o aluno é incapaz e que nunca irá aprender ou “ser alguém”.

Apesar de atitudes assim serem muitas vezes ignoradas, como se ninguém soubesse que ocorrem, sabe-se também que na grande maioria das escolas, há sempre algum professor com esse perfil, assim como também se sabe que atitudes violentas de alguns alunos devem-se ao fato de não aceitarem esse tipo de tratamento, que para agravar ainda mais, geralmente vêm acompanhadas da participação de colegas, que se sentem livres para acompanhar as atitudes do professor. Com sua autoestima reduzida, sentindo-se acuado, esses alunos muitas vezes explodem com atitudes violentas, que poderiam ter sido evitadas com um professor melhor preparado.

Ainda segundo Witter (2010, p. 3):

É preciso lembrar que o professor é fruto de uma formação inadequada e insuficiente, o que é em si uma violência mascarada em relação a ele, a seus alunos, a comunidade e ao país. O docente atua, muitas vezes, em situações adversas em termos do número de alunos em classe, dos recursos materiais, da imposição de um padrão único de ensino nem sempre compatível com ele e seus alunos, com salas, carteiras, iluminação e outros aspectos deficientes. O ambiente pode por si mesmo, ser uma violência em relação aos que aí estão vivendo.

Assim, muitos professores acabam confundindo autoridade com autoritarismo, pensam que tem a credibilidade e o respeito do aluno, ou seja, aquele que desempenha papel arrogante e de opressor e não dialoga, somente impõe. Portanto,

o professor precisa resgatar sua autoridade, desempenhando seu papel de líder, que segundo Pacheco e Cunha (2008, p. 6) “é aquele que se propõe e é aceito” e apresentam uma analogia de Moraes (1986) que exemplifica de forma interessante como deve ser a atuação do professor frente a seus alunos em sala de aula:

O filhote estabanado e ansioso quer se atirar de qualquer jeito para fora do ninho, mas a ave-mãe não deixa. A ave sabe que o ninho está em galho mais alto, sabe que as asas do filhote ainda estão fracas, conhece ventos fortes e outros ventos mais apropriados. Pela não-diretividade das avesmães, não teríamos hoje a maior parte das lindas espécies de pássaros que ainda vivem nas matas (MORAES, 1986, *apud* PACHECO e CUNHA, 2008, p. 6).

É preciso que fique claro que a analogia acima não se refere ao professor ser visto como uma mãe, mas sim como aquele que pode direcionar o aluno ao conhecimento, aquele que irá ajudá-lo em seu desenvolvimento, em seu crescimento intelectual, um profissional que precisa, portanto, ser valorizado pelo que ele representa.

Compreende-se então, que além dos fatores externos que influenciam a violência na escola, como as drogas, problemas familiares, etc., também a forma como o aluno é tratado dentro da escola podem ter como consequência atos de violência, que podem adquirir diversas formas, como já visto anteriormente.

2.2 A Escola de Hoje e os Principais Efeitos da Violência

Antes de se discutir especificamente a violência na escola atual, é importante que se tenha uma visão geral das crianças e jovens na sociedade atual, pois estes são os alunos que se encontram inseridos nas escolas, que têm a responsabilidade de formá-los, oferecendo a “educação de qualidade” tão alardeada nos discursos. Para Palmonari (2004, p. 101):

Hoje as crianças assistem a desenhos animados na televisão, nos quais os personagens, muitas vezes, utilizam a violência para conseguir o que querem, tornam-se heróis e seus atos “nobres” são considerados corretos. Passando aos seus telespectadores infantis uma falsa concepção do que é ser nobre e herói.

A mídia que tem o poder de sedução acaba por contribuir na formação cognitiva das crianças. Entretanto, outros fatores ligados à estrutura familiar, ao sistema de

ensino, a falta de atenção e cuidados, entre outros, exercem a todo o momento influência no desenvolvimento da personalidade da criança e jovem em formação.

Ainda para Palmonari (2004), atualmente a violência aparece com maior evidência nos jovens, que se unem em grupo para “brigar” com o que se encontra estabelecido. É a forma que encontram para buscar uma identidade própria, colocando em xeque a geração anterior, tentando transformar, imprimir suas marcas numa sociedade em que tudo é muito veloz. E nessa ansiedade de acompanhar as transformações, de encontrar cada um o seu lugar, é que podem ocorrer as explosões de violência, nascidas, portanto, do inconformismo, da pressa em se obter aquilo que é desejado (PALMONARI, 2004).

Num país capitalista, com uma sociedade onde o consumismo é incentivado pela mídia, em que para os jovens é importante “ter”, a impossibilidade de adquirir por meios lícitos os objetos de desejo, leva-os muitas vezes a cometer os mais variados atos de violência, justificando para tal a falta de oportunidades ou carências, encarando assim a agressividade praticamente como uma coisa normal, ou algo que não é responsabilidade dele, mas da sociedade que não lhe dá oportunidade.

Porém, outros jovens precisam ser protegidos desses grupos, bem como seus professores, entretanto, sabe-se que o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) não funciona como deveria no país, garantindo a segurança e proteção à criança ou ao adolescente.

Não se pode acreditar que um estatuto seja capaz de assegurar algo sem que as pessoas tenham pleno conhecimento disso e acima de tudo, tenham atitudes concretas que explicitem a aplicabilidade e seu domínio.

Em todo o tempo e lugar anseia-se por liberdade. Porém, a liberdade está intrinsicamente ligada em se respeitar as individualidades, as diferenças, aos sonhos e desejos de cada um, a liberdade de pensar diferente, e, principalmente, seguir as normas e regras que regem a boa convivência entre todos.

Assiste-se a cada dia o aumento da violência perpetrada por jovens, ao mesmo tempo em que se buscam respostas, as causas que desencadeiam tanta violência, tanta revolta. Para Freud (2003) o mental está ligado ao orgânico, o que se coaduna com o pensamento de Wallon (1995), que coloca que o corpo exterioriza o que o indivíduo pensa.

Não há dados estatísticos precisos sobre os jovens envolvidos com a violência, porém de acordo com a UNESCO apud ABRAMOVAY (2003) há outras causas que contribuem para a violência, e que são apresentadas a seguir, subdivididas:

2.2.1 A Família

É neste núcleo que as crianças e jovens adquirem os exemplos de conduta que apresentam socialmente. A violência doméstica, alcoolismo, dependência tóxica, promiscuidade, desagregação dos casais, ausência de valores, detenção prisional, permissividade, demissão do papel educativo dos pais, etc., são as principais causas que afetam o ambiente familiar.

Normalmente os indivíduos que vivem estas problemáticas familiares, estão sujeitos a serem alvos de violência. Há famílias que participam diretamente na violência que ocorre nas escolas. Impotentes para lidarem com a violência dos seus descendentes acusam os professores de não “domesticar/dominar” os seus filhos, instigando a agressividade e, em extrema instância tornam-se eles mesmos violentos, agredindo, muitas vezes professores e funcionários.

2.2.2 Os alunos:

Muitos dos problemas e dificuldades apresentadas pelos alunos, não são ocasionados pela educação escolar. São problemas que abarcam problemas de saúde ou dificuldades legais que podem envolver proteção e segurança, e que fogem da alçada da escola, que não está devidamente preparada para auxiliar nessas questões, necessitando para tanto da ajuda competente, pois do contrário, situações envolvendo a violência podem vir a explodir na escola devido a muitos distúrbios que podem ser sanados com a ajuda dos profissionais específicos.

2.2.3 As turmas e os grupos:

Os jovens costumam se unir em grupos com os mesmos interesses, ou mesmo para simplesmente sentirem-se seguros. Os grupos são importantes para a socialização, podendo influenciar positivamente no desenvolvimento e na aprendizagem. Entretanto, pode também exercer efeito contrário nos jovens mais inseguros, que podem buscar a aceitação e o sentido de pertencimento através de

processos de imitação de líderes negativos. Se não tiver uma estrutura familiar que lhe dê o suporte necessário, o jovem em grupo pode vir a participar de atos violentos na busca equivocada por respeito e prestígio dentro do grupo ou da escola.

2.2.4 A escola:

No passado, alunos com dificuldades de aprendizagem eram marginalizados, ficando praticamente abandonados em sala de aula, o que despertava sentimentos de revolta e focos de violência. A inclusão, hoje, ainda não pode ser considerada uma conquista. Delors (1996, p. 48) alerta que a escola não pode conduzir,

...por si mesmos, a situações de exclusão. O princípio de emulação, propício em certos casos, ao desenvolvimento intelectual pode [...] ser pervertido e traduzir-se numa prática excessivamente seletiva, baseada nos resultados escolares. Então, o insucesso escolar surge como irreversível, e dá origem, frequentemente, à marginalização e exclusão sociais.

As escolas, isoladas, não têm condições, hoje, para resolver as dificuldades que a elas se apresentam. Para isso, precisam do apoio dos alunos, pais, entidades públicas e privadas para que as situações de conflito e agressividade sejam solucionadas ou amenizadas.

As associações de pais, conselhos escolares e grêmios estudantis, quando saem do papel e dos discursos, podem contribuir com os problemas reais da escola, onde todos podem se unir com seriedade e comprometimento visando o futuro dos jovens, que depende de uma aprendizagem eficaz, numa cultura de paz e respeito.

Entretanto, mesmo com todo este amparo, a escola precisa abrir espaço para ouvir seus jovens, dando voz a seus anseios, trabalhando com projetos bem elaborados que contemplem também solicitações dos alunos com relação aos conteúdos a serem trabalhados de forma moderna, mais em consonância com o mundo digital em que vive a sociedade atual, com mais desafios a serem vencidos, enfim, com maior participação dos seus jovens alunos.

2.3 A Relação Violência e Aprendizagem

Acredita-se que para pensar e refletir na aprendizagem de seus alunos, a escola precisa em primeiro lugar conhecer esses alunos, suas histórias, o meio a que

pertencem, para somente depois elaborar seus planejamentos de acordo com os anseios e dificuldades pelas quais passa de forma geral seu grupo, fazer enfim, um diagnóstico para só então planejar estratégias e ações que surtam efeito e traga crescimento ao grupo. Em seguida verificar os casos especiais e individualizados para também tomar decisões planejando ações preventivas, cuidando assim de conseguir e preservar um clima harmonioso no ambiente escolar.

Um ambiente caótico, onde acontecem ocorrências diariamente não tem condições de oferecer uma aprendizagem eficiente, pois gritos, violência física, agressões verbais, tumultos, insegurança, etc., não são condizentes com aprendizagem, que para ocorrer de forma significativa precisa de segurança, tranquilidade, concentração, alegria, bom humor, curiosidade, entusiasmo. Segundo Witter (2010 p. 4-5):

Pelo exposto até o presente, hoje a violência faz parte da escola em níveis e tipos diversos de manifestações. Esse fato requer que medidas sejam tomadas para que ela não extrapole limites mínimos aceitáveis e não ponha em risco biopsicossocial as pessoas que convivem no referido espaço. Cuidar para que se reduza o quadro de risco hoje vivenciado requer um conjunto de medidas, tais como melhor preparo dos profissionais responsáveis pela escola; pesquisas que descrevam a realidade, mas, principalmente, pesquisas experimentais que tragam evidências de causa e efeito; planejamento, teste e avaliação de projetos que visem a redução da violência; melhoria do espaço físico, etc.

Sabe-se que não é tarefa fácil resolver todas as manifestações de violência que ocorrem na escola, mas é possível começar de alguma forma a planejar ações que mesmo aos poucos pode provocar mudanças positivas. O que não se pode fazer é viver no mundo do “faz de conta”, como se nada estivesse acontecendo. Alunos e professores correm riscos todos os dias em suas escolas, e alguma coisa precisa ser pensada rapidamente. Para Witter (2010, p. 5) um clima positivo na escola, “especialmente em sala de aula, é essencial para que se tenha uma escola eficaz e com bons resultados. Entretanto, para que isso ocorra, é importante que o aluno perceba o clima como favorável”.

Se os dirigentes, equipe pedagógica e professores estiverem dispostos a buscar por mudanças em seus ambientes escolares, acredita-se que a primeira medida é a abertura para o diálogo com a presença dos alunos, mas um diálogo verdadeiro, em que de fato estejam preparados para ouvir críticas e sugestões, para juntos ver o que é possível mudar de forma a satisfazer ambos os lados, para

finalmente colocar em prática o que foi acordado, e não apenas engavetar os registros. Quando mudanças são propostas e todos estão de acordo, então precisam realmente ser postas em prática, pois do contrário perdem a credibilidade e tudo ficará perdido.

Witter (2010, p. 5) sugere ainda que “Uma forma de reduzir a violência no contexto escolar é abrir espaço para a educação e a vivência de paz no seu ambiente”. E isto, se o ambiente estiver muito tumultuado, pode levar tempo, mas com certeza vale a pena mesmo que o processo demore, pois se avalia que a confiança nas mudanças será adquirida quando esses alunos perceberem que o prometido está sendo cumprido e que o diálogo permanece em aberto.

Witter (2010, p. 5) corrobora este pensamento quando afirma:

É evidente que para mudar a ocorrência de violência na e da escola é necessário que ocorra aquisição e fortalecimento de novos comportamentos e a mudança daqueles de cunho agressivo. Implica também em mudar a violência no lar, pois ela repercute no comportamento dos alunos na escola.

E para mudar a cultura da violência nos lares, a escola pode colaborar com palestras, em que convidados especialistas podem expor legalmente as punições para atos violentos, bem como os professores, que podem contribuir observando seus alunos. Agressões físicas geralmente deixam marcas não apenas psicológicas, mas visíveis em formas de hematomas ou ferimentos. Deparando-se com uma situação assim, podem, através da equipe pedagógica, buscar auxiliar esse aluno através de acompanhamento ou denúncias se forem necessárias.

É imprescindível que ações sejam colocadas em práticas buscando reverter o quadro de violência que assolam as escolas, pensando não apenas na segurança dos alunos, professores, equipe dirigente e funcionários, mas principalmente na aprendizagem, que num ambiente violento fica seriamente comprometida. E pensando no futuro, nos adultos em que esses jovens vão se transformar, é que mudanças urgentes precisam ocorrer. O país precisa de homens honestos, trabalhadores, justos, que respeitam seu próximo, que cultivam a paz e os jovens que estão nas escolas de hoje, são os homens que se deseja para o futuro. Por esse motivo, a urgência de medidas, planejamentos e mudanças realmente efetivas.

3 A VIOLÊNCIA NA VISÃO DOS PROFESSORES E ALUNOS DO COLÉGIO PESQUISADO

Foram distribuídos doze questionários a professores e quinze a alunos do Ensino Médio, em um colégio estadual, no município de Ponta Grossa – PR, com três questões iguais aos dois grupos. As questões colocadas aos grupos foram: 1- Como você define a violência dentro da escola? 2- Qual a dificuldade que você encontra em sala de aula com relação à violência? 3- Em sua opinião como podemos abordar o tema violência em sala de aula?

3.1 Análises das Questões Colocadas aos Professores

A seguir segue a análise e interpretação das respostas fornecidas pelos professores.

Na primeira questão os professores definiram a violência como cada um a interpreta: quando há falta de respeito ao se dirigir aos colegas ou professores grosseiramente ou com agressividade; a discriminação com o diferente, em que a falta de respeito provoca os conflitos; que a violência moral existe e é velada, não aparece como a violência física; como violência ocorre muitos atos de falta de educação, falta de respeito e agressões verbais; que a violência verbal e psicológica são as que mais ocorrem em sala de aula; as vezes ela ocorre pela impulsividade, pelo imediatismo, por falta de paciência em se resolver a situação de outra forma; a violência é o retrato da sociedade em que os alunos estão inseridos, e que acabam por se refletir na escola; entende a violência como a falta de valores, os alunos estão distantes do respeito, que eles precisam aprender “a ser gente”; reconhece como violência aquilo que fere a sua integridade física e moral, e que os palavrões ditos em sala de aula a incomoda muito; muitos atos e atitudes são trazidos para a escola pelo perfil cultural do aluno, que banaliza a violência, utilizando-a para inferiorizar e discriminar outras pessoas; como toda forma de agressão, que também pode ser visual, sonora ou por contato – é um sentimento psicológico – a fonte agressora pode ser a comunidade, institucional ou governamental.

Todos os professores, cada um com sua maneira de interpretar se coadunam com o conceito de violência apresentado por Pacheco e Cunha (2008) através de Albornoz (2000), com destaque a última resposta que abarca também o conceito apresentado por Vale e Salles (2008) que distinguem a violência de três formas

segundo o francês Charlot (2002). Com relação ao professor que colocou que o jovem precisa aprender a “ser gente” acredita-se que quis se referir ao fato de que o mesmo está em desenvolvimento, não tendo atingido ainda sua maturidade, que talvez, lhe traga o conhecimento necessário para saber respeitar melhor seus semelhantes.

Na segunda questão que aborda as maiores dificuldades encontradas, as respostas foram: fazer com que os alunos ajam diferentes em sala de aula; encontrar uma metodologia diferente que iniba os atos de violência; a falta de respeito com os professores, pois os alunos estão sem limites; em como evitar os atos de violência e atitudes inadequadas que estão cada vez mais frequentes; fazê-los entender que as agressões verbais são tão graves quanto às físicas, que marcam a vida das pessoas; a violência verbal, a maneira como se tratam em sala de aula; a agressividade, a violência começa com as palavras e muitas vezes acabam em agressões físicas; com a falta de valores, pois a família está distante da educação dos filhos, deixando a responsabilidade de ensinar e educar para a escola; a falta de respeito, jovens muito liberais; a estigmatização da cultura da violência.

As dificuldades sentidas por esses professores são as mesmas que milhões de professores sentem pelo país afora, e acredita-se que é necessário ocorrer uma união entre a equipe dirigente e professores para que ações e projetos sejam planejados e refletidos voltados para uma cultura da paz, como colocado por Witter (2010), preferencialmente com o envolvimento das famílias. São mudanças lentas, mas que necessárias tendo-se em vista amenizar o clima de violência para que se possa focar na aprendizagem realmente eficaz.

Na terceira e última questão, sobre como se pode abordar o tema violência em sala de aula, as opiniões e sugestões apresentadas foram: projetos educativos, palestras, vídeos, textos, rodas de conversa; bons exemplos, sendo pessoas mais tolerantes; com atitudes positivas e coibição dessas práticas; apresentando a realidade local, com o intuito de conhecer e prevenir; conscientização em sala de aula; debates e reflexão; reuniões coletivas com os alunos, comunidade escolar e professores; muito diálogo; práticas que alertem a comunidade sobre os mecanismos de defesa, amparados em autoridades competentes e na lei; exemplificando as formas de violência, classificando-as, explicando a natureza da violência pela Sociologia e por fim justificando-a, usando de conceitos do que é sociedade.

Após as respostas a última questão, percebe-se que os professores têm todas as respostas que se forem colocadas em práticas podem auxiliar, e muito, na solução de muitas dificuldades apresentadas por eles mesmos. O que se constata é que está faltando uma união de forças, um encontro entre todos para que possam debater o tema e refletir juntos nas ações que podem ser colocadas em práticas. Atitudes isoladas não têm a eficácia que todos teriam se trabalhassem juntos com vistas a erradicar a violência da escola. Pode ser utopia pensar na erradicação, mas certamente a construção conjunta de projetos que abarquem as ideias e opiniões apresentadas nesta última questão pode contribuir enormemente na resolução de muitas das dificuldades encontradas e relatadas na segunda questão.

3.2 Análises das Questões Colocadas aos Alunos

A seguir, analisa-se e interpretam-se as respostas dos alunos sobre as mesmas questões disponibilizadas aos professores.

Na primeira questão, sobre como definem violência, a maioria a definiu com exemplos do que acontece em sala de aula: falta de respeito com colegas e professores, bullying, brincadeiras fora de hora; violência verbal, discriminações; homofobia, racismo, que muitas vezes aparecem camuflados em brincadeiras; quando se fere física e emocionalmente outra pessoa, bullying; muitas vezes não é nem ferir, mas violentar através de palavras, preconceitos da cor, do sexo que a pessoa escolhe; pessoa sem maturidade, a violência verbal gera muitas confusões sem fundamento; violência psicológica com palavras; piadinhas e brincadeiras que são ofensivas; alunos falando alto com os professores, a violência dentro da escola não tem necessidade; falta de diálogos entre os alunos; ato irracional ocasionado por coisas bobas, fofocas, que poderiam ser evitados; ato de machucar ou ferir alguém; atos cometidos por pessoas intolerantes com as diferenças; desumano.

Citando exemplos do que vivenciam no cotidiano escolar, fica claro que todos têm claro o significado de violência, pois deixam implícito que já vivenciaram situações em que a violência de diferentes formas se fez presente. Percebeu-se o bullying e o preconceito racial e sexual presente em muitas respostas, que são temas importantes a constarem nos planejamentos e projetos que se espera sejam postos em prática pela equipe da escola.

Na segunda questão sobre a dificuldade encontrada em sala de aula relacionada à violência, os relatos foram: alunos que vêm para a escola apenas com o propósito de arrumar confusão e brigas e acabam atrapalhando a atenção dos outros; a falta de respeito com os professores causam dificuldades para ele conseguir dar aulas; falta de calma para resolver os problemas; brincadeiras estúpidas e desnecessárias; o desrespeito de alguns alunos com as normas da escola; piadinhas e fofocas que causam brigas e confusão; falta de respeito com os colegas e alunos gritando com o professor; alunos quebrando coisas, gritando com o professor e bullying.

Percebe-se pelas respostas que a maioria sente-se incomodada com a violência, destacando-se a falta de respeito com os professores e da dificuldade destes para ministrarem suas aulas e da atenção dos alunos ficarem comprometidas pelo comportamento de alguns. Assim, fica evidente que os próprios alunos sentem-se prejudicados em sua aprendizagem, corroborando com Witter (2010) que chama a atenção para o comprometimento da aprendizagem em ambientes violentos. Coloca também a falta de calma para resolver as questões, o que remete a Gonçalves e Sposito (2002), que alertam para o imediatismo e falta de paciência do jovem para dialogar buscando resolver suas questões.

Os alunos estão à espera que alguma coisa seja feita, para que a calma seja restabelecida, e provavelmente auxiliariam na concretização de projetos e ações objetivando o fim da violência na escola.

Na terceira e última questão, sobre a opinião de como pode ser abordado o tema violência dentro da escola, às respostas apresentadas foram: todos deveriam rever seus atos e ter mais interesse em estudar; com palestras, aconselhamentos da direção; trabalhos e palestras abordando o assunto, falar sobre a consequência de seus atos tanto para o agressor quanto para a vítima; precisa mais educação; falar normalmente sobre o assunto; ser mais firme nas advertências; tratar a escola como uma família, respeitando uns aos outros; palestras e reuniões com os pais dos alunos; conteúdos que abordem o tema, dicas e conselhos, mostrar exemplos que se tornaram tragédias, mostrando que a violência não leva a nada; depoimentos de pessoas que já passaram por isso.

Da mesma forma que os professores, as sugestões dos alunos mostram o interesse que têm em resolver ou ao menos amenizar as dificuldades enfrentadas em

sala de aula no dia a dia. Eles também desejam mudanças, querem um clima amigável dentro da escola, querem aprender. Seria muito proveitosa uma roda de conversa entre todos os envolvidos: equipe dirigente, equipe pedagógica, alunos, funcionários e famílias para que se possam discutir ações a serem implantadas. Poderiam ser realizadas em etapas devido ao grande número de alunos, mas o envolvimento de todos seria fundamental para o sucesso da empreitada. Acredita-se que algo com esse nível de envolvimento seria realmente importante, pois o desejo de todos os entrevistados é pelo fim da violência na escola, pela “cultura da paz” (Witter, 2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos estabelecidos para a realização da pesquisa foram certamente atingidos, visto que se procurava investigar como a violência é entendida tanto pelos professores quanto pelos alunos, além de conhecer suas dificuldades para tratar das situações que ocorrem em sala de aula e buscar ideias e sugestões para tentar solucionar ou amenizar os problemas enfrentados com a violência dentro das escolas, o que foi conseguido através das respostas dos questionários distribuídos.

Com os participantes da pesquisa, a violência existente nos ambientes escolares se mostrou como um grande empecilho à aprendizagem dos alunos. O fato pode ser observado nas respostas dos grupos de professores e alunos, quando citam a falta de respeito a professores e colegas, aos gritos e confusões, que atrapalham a atenção dos demais.

Se o que se quer, são jovens preparados intelectualmente e profissionalmente para a vida adulta, aptos a viverem em sociedade como cidadãos responsáveis, honestos, produtivos e cumprindo com seus deveres pacificamente com aqueles que o rodeiam, as ações devem ser pensadas urgentemente. A pesquisa mostra que o desejo dos participantes é pela paz, pelo ensino realmente de qualidade, pela boa convivência, pelos relacionamentos baseados no respeito e na tolerância.

Portanto, espera-se que tanto as sugestões e ideias dos professores quanto dos alunos sejam aproveitadas para que a reflexão se instale entre a equipe dirigente e pedagógica da escola, objetivando encontros com todos os envolvidos, para que ações efetivas sejam planejadas e colocadas em práticas. Afinal, pelas participações analisadas o apoio e união pelas mudanças terá a participação da grande maioria, que

são os que desejam e esperam ensinar, estudar e aprender num ambiente calmo, com clima amigável onde a aprendizagem esteja sempre em primeiro lugar, como deve ser em qualquer instituição de ensino.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Violências nas escolas**: versão resumida. Brasília: UNESCO Brasil; REDE PITÁGORAS; Instituto Ayrton Senna; UNAIDS; Manco Mundial; USAID; Fundação Ford; CONSED; UNDIME, 2003.

ALBORNOZ, Suzana. **Violência ou não-violência**: um estudo em torno de Ernst Bloch. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

DELORS, Jacques (coord.) **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. São Paulo: Cortez, 1996.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UFCE, 2002.

FREUD, Anna. **A Infância normal e patológica** (determinantes do desenvolvimento). 4ªed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 2003.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira, SPOSITO Marília Pontes. **Iniciativas Públicas de Redução da Violência Escolar no Brasil**. Cadernos de Pesquisa, n. 115, p.101 – 138, 2 marços/ 2002.

NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência na Escola**: identificando pistas para a prevenção. Revista Interface, v. 7, nº 13, p. 119-134, ago. 2003. Disponível em: www.scielo.org/pdf/iese/v7n13/v7n13a08. Acesso em: 6 ago. 2016.

PACHECO, Cláudia Regina Costa; CUNHA, Jorge Luiz da. **As concepções de Professores sobre Violência e Autoritarismo no Contexto Escolar**. 2008. Disponível em: <http://www.ufsm.br/gpforma/1senafe/biblicon/asconcep%E7oes.rtf>. Acesso em: 6 ago. 2016.

PALMONARI, Augusto. **Os adolescentes - nem adultos, nem crianças**: seres à procura de uma identidade própria. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004.

ROSA, Maria José Araújo. **Violência no ambiente escolar**: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, v. 8, jul-dez de 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, Amora. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2008.

VALE, Fernanda Feitosa; SALLES, Maria Leila Ferreira. **Violência na Escola**: a concepção de professores e alunos. UNESP, Rio Claro, 2008. Disponível em: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/848_432.pdf. Acesso em: 6 ago. 2016.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. 2 ed. Lisboa: Edições 70, 1995.

WITTER, Geraldine Porto. **Ponto de Vista**: violência e escola. Revista Temas em Psicologia, v. 18, nº 1, Ribeirão Preto, 2010. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100002. Acesso em: 6 ago. 2016